

# UNIVERSOS POSSÍVEIS



**FÁBIO MONTEGUTI**



# **UNIVERSOS POSSÍVEIS**

**FÁBIO MONTEGUTI**

# **SUMÁRIO**

**6**

**DIRETO E JÁ**

**8**

**MINHA VIDA EM DUAS PÁGINAS**

**11**

**VIOLÊNCIAS**

**13**

**SONHOS MALDITOS**

**14**

**O FUTURO DO PRAZER**

**18**

**QUANDO A VINGANÇA É TUDO O QUE**

**RESTA**

**22**

**O GRANDE CÃO NEGRO**

**24**

**SALVAÇÃO TARDIA**

**29**

**O ELO NÃO PERDIDO**

**31**

**O ENCONTRO**

# APRESENTAÇÃO

Em *Universos Possíveis*, selecionamos para você uma coletânea de nove contos de autoria do escritor Fábio Monteguti. E de quebra, ainda incluímos o roteiro do famoso curta-metragem *O Encontro*, desta mesma celebridade. Esperamos que gostem. Boa leitura.

A

redação.

## **DIRETO E JÁ**

### **Fábio Monteguti**

Acordei com o tilintar do despertador. Pulei da cama igual um tigre, pronto para mais um dia em direção ao topo do sucesso! Coloquei o pão na torradeira enquanto a cafeteira preparava o café. Tratei do casal de hamster, liguei a TV. Passei manteiga no pão quente enquanto no noticiário só passava sobre o movimento das diretas já. Todo mundo já não aguentava mais, exigiam mudanças imediatas!

Já estava na hora! Desliguei a TV e saí para não me atrasar. Peguei o primeiro ônibus do dia. Cheguei ao trabalho três ônibus depois. Bati o cartão e me vesti apropriadamente. Macacão, capacete, luvas e cinto de segurança. Peguei o elevador e fui ao topo, trinta andares acima. A imensa estrutura mais parecia uma gigantesca gaiola de pássaro. Por entre as estreitas vigas eu caminhava de um lado pro outro, fazendo ajustes, removendo as formas. Lá de cima tudo parecia muito pequeno lá embaixo. Melhor não pensar nisso. Pra cair na vida é dois toques. Você rala muito para subir e ser alguém, mas para cair, basta um pequeno descuido. Um único descuido e tudo estaria terminado.

O apto soa alto. Fim do turno. O elevador desce lentamente os trinta andares. Piso na calçada e lembro de como é bom estar de volta em solo firme. Firmo o passo e anda em ritmo acelerado para pegar o busão. Na rua por onde passo, manifestantes segurando cartazes pelas ruas exigem diretas já. A polícia sabe como acalmar os ânimos dos cidadãos indignados. Contra pedras, paus e garrafas, gás lacrimogênio, cassetetes e muita pancadaria! Um homem cai ao chão com a testa toda ensanguentada após levar um golpe de cassetete de um policial. Embarco no ônibus lotado. Difícil de entrar, complicado pra sair.

Começa a chover. A água escorre pelo meu corpo cansado. Nada como uma ducha após um dia puxado de trabalho. Agora viria a melhor parte do dia: a noite! Troco o martelo pela guitarra. Preciso ensaiar. Meus amigos mepegam na porta de casa. O Ford Maverik voa pelas ruas da cidade. Chegamos num ginásio abandonado. Tudo está um completo silêncio! Ratos correm com o som estridente! Minha guitarra libera todo o meu potencial. Posso até ver o povo gritando de emoção. Está na hora de nos revelarmos ao mundo! Nosso momento chegou! Diretas já! Mais um grupo de manifestantes. A situação está calamitosa. A pressão aumenta sempre mais e não se sabe onde isso irá parar.

Meu sangue ferve nas minhas veias! É domingo, dia da nossa primeira apresentação. O lugar está lotado, as pessoas ansiosas para ouvir a nossa música. A ansiedade é visível no semblante de todos. A emoção é tanta que parece não ter como controlar, e então o povo grita alto: diretas já! Mais manifestantes do lado de fora. Isto parece que nunca irá acabar. Ou melhor, acaba sempre do

mesmo modo, em pancadaria. Alguém dissera que a nossa música tinha letra criticando o estado, que tudo era na realidade um movimento político encoberto. Minha guitarra ressoa forte pelas paredes do lugar. As pessoas gritam alto, se empurram e algumas caem.

A polícia invade o lugar como cães ferozes em busca de caça. A guitarra comprada com tanto sacrifício se despedaça diante do cassetete que desce do alto sem piedade. Muita gente é ferida e presa. Meu corpo dói, mas desta vez não é devido ao serviço. A polícia agia assim, sempre de forma abrupta e brutal, como um monstro surgido nas trevas da noite. Direta e sem dó, sempre direta, sem mais nem menos. Eu não digo nem uma palavra. Aquele golpe no estômago tirou todo o meu ar. Apenas ouço muito barulho e tumulto. Muitos gritos, berros fortes!

O delegado não sabe falar de outro modo, e da outra sala alguns curiosos observam pelo vidro o motivo daquele berreiro. Ele exige explicações, mas não aceita nenhuma que eu dou. Para ele tudo o que eu digo é mentira. A sentença já está dada. Todos sabem como essas coisas acabam. No meu julgamento não é diferente. O martelo bate com violência decretando a minha sentença. Sou levado para a cela para cumprir a minha pena. Estou em meio a desconhecidos e aqui ninguém parece gostar de ninguém. Em meio a pura violência, o que mais poderia se esperar? A maioria que aqui está não conheceu nada além de dor, ódio e revolta. Na cadeia as celas lotadas exigem uma ação direta dos presos. Amanhã terá sorteio, é preciso dar um jeito na superlotação. Na manhã seguinte um nome é sorteado. Todos olham para mim. Acho que nunca mais tocarei a minha guitarra.

## MINHA VIDA EM DUAS PÁGINAS

por Fábio Monteguti

- Eu sei que a minha família ficará bem, sabe. O seguro que fiz pagará todas as pequenas dívidas que restam e ainda sobrar dinheiro pra Marta realizar o seu sonho e montar a sua tão sonhada lojinha de confecções. Com o dinheiro que ganhar poderá pagar a escola das crianças e lhes garantir um bom futuro. Sim, sem estudo ninguém consegue nada nos dias de hoje e a escola em que estão matriculados é uma das melhores! Sempre dei tudo de mim por eles, sabe. A minha vida foi sempre dedicada a minha família. Nunca deixei faltar nada, nada mesmo! Fui um daqueles pais de família exemplares, sabe, dedicado e sempre presente. As vezes deixava de fazer muitas coisas, pequenos sacrifícios, tudo por eles. A Marta é uma mulher muito exigente, sabe, linda, uma verdadeira rainha, e sempre a cobri de belos presentes. Coisas baratas nem pensar! Para ela tinha de ser tudo de alta qualidade! Se não ela rejeitava, dizia que não valia a pena, que coisa barata não durava, logo desbotava, perdia a cor e a beleza, soltava peças. Queria que fosse como o nosso amor, sabe, durável, eterno! Quando olho pra minha vida, vejo que sou um homem de muita sorte mesmo!

– Sorte? Retrucou gaguejante o colega sentado ao lado, com um semblante que já se equiparava ao de um cadáver no necrotério.

– Sim amigo, respondeu Pedro, com uma cara não muito diferente da do homem sentado ao seu lado.

– E as crianças, você não sabe das crianças, elas são uma verdadeira benção de Deus! Claro que há bagunça, vez ou outra quebram alguma coisa em casa e a Marta fica uma fera! Sabe, ela é uma boa mãe, só que é um pouco distraída. Principalmente depois que lhe comprei aquele iPhone pra ela. Nossa, ela adorou o presente! Passa horas e horas na internet, só pra estar a par das novidades. Me disse que uma mulher moderna tem que estar sempre atualizada! Ela entende tudo de moda! Esses dias me comprou uma camisa rosa, disse que eu fico muito bem com essa cor. Na verdade eu não gosto muito, sabe, não é cor de homem, mas as mulheres adoram, é a cor preferida da Marta! E eu não a culpo por ter me aconselhado a viajar de avião. Todos os meus colegas também viajam e disseram que é muito seguro e eficiente. Grandes distâncias em pouco tempo, sabe. E com as promoções fica até mais barato do que viajar de ônibus, completou Pedro com uma risadinha forçada.

– Uma passagem vale mais do que a sua vida? Perguntou o homem ao lado, já ofegante e prestes a entrar em pânico! Pedro, que também não estava muito diferente, continuou falando da sua vida, agora já num tom não tão positivo.

- Sabe, eu fiz muitas coisas na vida... quer dizer, não fiz tudo o que sonhei, mas foi legal sabe. Lembro de quando eu e a Marta nos conhecemos... nosso primeiro beijo... a festa do nosso

casamento então, você precisava ver. Não foi lá essas coisas, a gente não tinha muitos recursos, sabe, mas foi muito bonita, muito bonita mesma! Lembro de ter chorado de tanta emoção. Eu sei que homem não pode chorar, mas o padre disse que os verdadeiros homens choram sim! Que isso era uma prova do meu sentimento. Então foi legal, a minha vida foi legal sim.

O colega sentado ao seu lado se virou e o encarou fixamente como se o mundo fosse acabar. Então disse: - É mesmo? Suas palavras soaram vagas, já que a vida do seu colega de voo era o que menos lhe interessava naquele momento. E Pedro continuou:

- Bom, sim, mas tinha muitas outras coisas que gostaria de fazer ainda. Sabe, a gente faz tantos planos, mas sempre acaba faltando grana e aí acaba deixando tudo pra depois. Eu até estava economizando uma grana para eu, a Marta e as crianças viajarmos nas férias. A Marta adora viajar, sabe, conhecer outros lugares. Eu até tinha comprado luvas, bola e um taco de basebol para jogar quando o pequeno Bili crescesse. Oh minha nossa, eu queria tanto ver ele crescer! Nesse momento Pedro cai em brandos e o homem ao lado lhe fala:

- Tente se acalmar. O comandante disse que teremos que fazer um pouso forçado, mas que as chances de dar certo são muito boas! Neste instante Pedro olha pela pequena janela e vê a asa do avião em chamas, o que o aflige ainda mais! Cada instante seguinte parece durar uma eternidade! Alguns minutos depois uma nova mensagem é emitida pelo comandante. Máscaras de oxigênio caem sobre os passageiros. O pânico aumenta. A aeronave sacode bruscamente como se fosse se despedaçar toda. Pedro se despede da vida, sabe que vai morrer, que ninguém sobrevive num desastre aéreo. Segue-se um forte impacto, as luzes se apagam e tudo vira uma completa escuridão! Pedro já não vê mais nada. Está tudo escuro, tudo silêncio! O fim chegou! De repente, ouve qualquer coisa. Os ruídos são confusos, mas parecem de pessoas conversando. Abre os olhos e não consegue enxergar direito. Distingue apenas uma luz muito intensa voltada para ele, e ao seu redor seres de branco. Seriam eles os anjos do céu vindo dar-lhe as boas vindas ao Paraíso? Sim, com certeza são seres celestiais, e deviam estar falando na linguagem dos anjos também, porque ele não conseguia entender nada do que estavam dizendo. Pedro sorri e aquela luz voltada para ele parecia emanar uma paz como nunca antes sentira. Seu ser agora se encontrava em completa paz e harmonia. Sentia-se leve, tão leve quanto uma brisa, como se tivesse asas e pudesse pairar no ar. A sensação era transcendente, divina, inexplicável, até que algo fino e pontiagudo espeta seu braço!

- Doutor, o paciente já está pronto. O senhor já pode iniciar o procedimento, diz um dos anjos. Anjos? Não são anjos. Onde estou? E o que Pedro houve em seguida o despenca totalmente de seu paraíso imaginário.

- Ok enfermeira, precisamos agir rápido. Esta perna tem que ser amputada imediatamente! Então Pedro solta um grito desesperador enquanto inúmeras mãos o seguram firmemente na cama. Então descobri que seu pesadelo não havia terminado, mas que estava apenas começando!



## VIOLÊNCIAS

Por Fábio Monteguti

— Você sempre se achou o bom, não é mesmo Jorge? Sempre se achou o cara, o mais esperto, o bom da boca, o gostosão da mulherada. Sempre zombou de mim desde os tempos da escola e mesmo depois que nos tornamos adultos você continuou atazanando a minha vida. Sabe, não sei por que, mas você pediu por tudo isso. Destruíu toda a minha vida só por um capricho seu, só pra provar pra si mesmo que era o bom, que era o tal. Desgraçado! Você arruinou a minha vida Jorge! E agora vai pagar. Ah se vai, e BEM CARO.

– Lembra da Michele? Foi minha primeira namorada. A gente se gostava de verdade, havia AMOR entre a gente. Mas não, você tinha que se entrometer. Tinha que dar em cima dela e conquistá-la com o seu dinheiro sujo e suas falsas promessas, fazendo-se passar por um homem apaixonado. Depois simplesmente a descartou como fez com todas as outras meninas do colégio. Você jamais soube dar valor ao ser humano. Sempre foi só você, e os outros eram apenas brinquedos nas suas mãos.

– Só Deus sabe como fui deixar a minha mulher trabalhar em uma empresa em que VOCÊ era sócio. O salário era excelente e não dava pra recusar a oferta. Eu estava desempregado há meses e só muito tempo depois consegui associar o seu nome ao fato de eu estar desempregado, que o dono da empresa em que eu fui demitido era um grande amigo seu. Você armou tudo, facilitou as coisas, só pra depois dar o golpe fatal. Conquistou a Patrícia aos poucos, primeiro com as reuniões, depois com os jantarzinhos de negócios, até consumir o ato, levando-a pro motel. Quando descobri, minha vida veio a baixo. Me separei e comecei a beber. Você deveria achar que eu estava acabado, não é mesmo? Pois você se enganou feio, JORGE!

- Kkkk, olhe para você agora. Mal consegue se aguentar acordado, com tanta dor. Sim Jorge, a mesma dor que me fez sentir, agora farei com que sinta também. Mas com JUROS. Sei que gostaria de me dizer algo, mas sem uma língua realmente deve ser muito difícil. A ratazana a achou apetitosa. Também gostaram dos dedos das suas mãos. Escória sempre gostou de escória. Amarrado aqui nesta cadeira, numa casa abandonada dezenas de quilômetros longe da cidade, você não é mais nada Jorge. Com certeza nem o reconheceriam mais depois que coloquei fogo em seus belos cabelos e ácido clorídrico em seu belo rosto. As mulheres não se atrairão mais por você. E vai ser difícil fazer sua corrida matinal com a coluna quebrada. Nem apreciará mais as belas artes dos museus. Seus olhos lhe farão muita falta! Deixei apenas seus ouvidos intactos, porque precisava que me ouvisse.

– Já liguei pra polícia e logo eles estarão aqui. Você vai sobreviver Jorge.... tenha certeza disso. Infelizmente, nem os melhores cirurgiões poderão reparar o estrago que lhe fiz... e ninguém poderá

me ajudar também. Por isso vou meter essa bala na minha cabeça e acabar com tudo isso de uma vez por todas! Nossas carreiras chegaram ao fim. Adeus Jorge...

## **SONHOS MALDITOS**

**Por Fábio Monteguti**

– Não era o primeiro caso na família, o que tornara o fato ainda mais macabro. Meu bisavô, morto em combate durante a Primeira Grande Guerra, sonhou com a própria morte. Viu-se caído ao chão, sem poder se mover, enquanto uma enorme máquina vinha pra cima dele e o esmagava. Semanas mais tarde, um tanque do seu próprio exército o atropelou. Disseram que o piloto não tinha conseguido vê-lo no meio do capim.

– Um tio-avô meu também pareceu ter herdado o mesmo dom maldito. Certa vez sonhou que estava se afogando em um rio que passava em frente a sua casa. Algum tempo depois, morreu afogado após cair dentro de um córrego de esgoto que passava do outro lado da rua onde morava. Tinha enchido muito devido a última chuva e a força das águas o levaram para dentro do enorme duto. Anos mais tarde, minha prima irmã caiu do nono andar do prédio onde morava. Ao fazer a limpeza da sacada, desequilibrou-se misteriosamente. Alguns disseram que ela mesma se atirou, mas o mais assustador é que um mês antes ela sonhou que morria depois de cair do alto de um prédio. Mas melhor parar de lembrar dessas histórias ou vou acabar tendo pesadelos também.

Antônio fez suas preces, apagou a luz do quarto e adormeceu. Durante aquela noite, teve um sonho muito estranho, como jamais sonhara antes. Estava desarmando uma bomba no seu trabalho, mas aquela era diferente das que conhecia. Tinha um sistema muito engenhoso feito para enganar quem tentasse desarmá-la. E Antônio só percebeu isso quando era tarde demais. O timer disparou e a bomba explodiu. Antônio acordou extremamente assustado, no mesmo momento em que o telefone tocava. Eram 5h30min da manhã e estavam ligando do seu trabalho. Havia a confirmação de uma bomba no prédio da prefeitura e precisavam dele para desarmá-la. Antônio vestiu seu uniforme e saiu.

## O FUTURO DO PRAZER

### Por Fábio Monteguti

Eram quase nove da manhã quando cheguei ao centro de tecnologia da capital. Lá se encontrava o que havia de mais moderno em matéria de realidade virtual. As instalações eram enormes, e fiquei pasmado olhando para o alto ao meu redor, chegando quase a tropeçar num mendigo que estava sentado à beira da calçada. Era um homem velho, com uma enorme cicatriz no rosto. Ele me olhou fixamente e então disse:

—Você está sendo enganado meu rapaz. Volte!

Eu não dei muita bola para o velho e simplesmente segui rumo à entrada. Com certeza já deveria ter perdido o juízo com toda aquela idade. Na recepção fui muito bem atendido e encaminhado para o setor de realidade virtual, que ficava no vigésimo andar. Um dos técnicos conversou comigo antes do procedimento e me garantiu que era tudo muito seguro. Tão seguro quanto voar numa nave espacial. Sentei numa poltrona bem relaxante e em seguida um capacete eletrônico foi baixado sobre a minha cabeça. Fui sedado e logo adormeci.

Acordei numa enorme cama num hotel de luxo. Passei a mão pelas cobertas e tudo era real. Fiquei em dúvida se já estava no mundo virtual ou se enquanto eu dormia haviam me levado para aquele lugar. Foi quando entrou no quarto uma estonteante loira, toda sarada, e com um corpo tão lindo quanto eu jamais sonhara. Ela se despiu da pouca roupa que tinha e começou a me abraçar e a me beijar. Então me falou:

—Olá Fabiano. Seja bem-vindo ao mundo virtual. Eu me chamo Micaela e serei sua guia durante a sua estadia aqui. Sinta-se à vontade.

Ainda um tanto confuso quanto a tudo aquilo, então perguntei a ela:

—Você... é real?

Ela sorriu pra mim e respondeu:

—Claro que não, seu bobinho. Sou uma ilusão criada pelo programa do computador. Nada do que você está vendo aqui é real. Você agora está sedado, repousando na mesma cadeira em que estava. Eu sugiro que você pare de pensar em explicações e apenas curta o momento. Venha, liberte todas as suas fantasias comigo. Deixe a sua vontade fluir e transformar toda a realidade à sua volta. Verá que ela se molda conforme o seu desejo.

Comecei a parar de me preocupar e a aproveitar o momento. Enquanto beijava aqueles lábios carnudos, deslizava as minhas mãos por todo o seu corpo. Enquanto uma das minhas mãos segurava o seu pescoço, a outra segurava firmemente uma das suas nádegas, e com a outra a outra nádega, a outra dava a volta pela frente do seu quadril e a outra apalpava um dos seus seios...

De repente, levei um enorme susto. Não sabia explicar, mas era como se eu por um instante

tivesse cinco mãos. Estava tudo certo comigo, mas a impressão que tivera era a de estar apalpando várias partes do seu corpo simultaneamente. Ela me perguntou o que havia de errado e eu lhe disse que estava tudo bem. Afinal, deveria ser efeito do sedativo, nada mais.

Voltei a beijá-la e agora descia pelo seu corpo, beijando e passando a minha língua por todos os seus contornos. Continuava beijando ardentemente aqueles lábios superquentes, enquanto passava a língua pelo bico de seu seio direito, ao mesmo tempo em que dava mordidinhas no seu bumbum.

Novo susto! Aquilo não podia estar acontecendo. A sensação era de estar fazendo tudo ao mesmo tempo. Eu podia sentir tudo acontecendo de forma simultânea. Micaela então me explicou: —Não se assuste querido. Aqui no mundo da realidade virtual você pode fazer o que quiser. Não está mais sob as regras da física. Aqui tudo é possível. Basta você assim desejar. Agora relaxe e aproveite.

Assim, aceitei a proposta dela e me soltei por inteiro. Estava gamado por ela e a minha vontade era de sentir tudo nela, numa avalanche de tesão e desejo! Minhas mãos agora apertavam todas as partes de seu corpo... ao mesmo tempo... como se eu tivesse várias. A realidade virtual era muito mais do que uma simulação da realidade. Ela era uma verdadeira “máquina dos desejos”! Recriava e modelava a realidade conforme eu quisesse. Finalmente estava percebendo que todas as minhas mais loucas fantasias poderiam ser realizadas... literalmente.

Então não apenas eu me multiplicava, mas ela também. E não havia nenhum problema em apalpar seus três seios ao mesmo tempo, assim como as demais partes do seu corpo. E bocas não me faltavam para me deleitar com aquele sonho de mulher. Ela era tão gostosa que dava vontade de comê-la. Dei uma mordida e tirei um pedaço. Era doce e muito apetitosa. E assim fui comendo ela toda, pedaço por pedaço, até devorá-la por inteiro.

Mas no instante seguinte ela surgira novamente atrás de mim, e nos abraçamos fortemente. Meus braços circulavam ela toda, enquanto minhas mãos a prendiam firmemente. A beijei com ardor e entrei pela sua boca, invadindo todo o seu interior, passando por todas as suas entranhas, e fazendo-a delirar. Passei pelo seu útero e notei que ela estava no cio. Finalmente percorri todo o seu canal vaginal e saí pela sua vulva. Eu era o seu homem e a dominava por completo. Ela me pertencia por inteiro, e eu a conhecia totalmente, por fora e por dentro. Não havia nada que ela pudesse me esconder, nem como se defender. Ela não poderia fazer nada além de me amar loucamente. Eu, seu amado e senhor.

Toda mulher sempre deseja sentir cada vez mais prazer, e eu agora tinha como lhe dar prazeres jamais sonhados. Tudo em mim se tornou múltiplo. Meus vários membros agora a penetravam por todas as partes, e eu podia sentir cada um deles. Era como se estivesse transando com várias mulheres ao mesmo tempo, e o prazer que eu sentia se multiplicava na mesma

proporção.

Então já não era mais uma, mas duas garotas. E aos poucos iam se multiplicando, enquanto eu fazia amor com todas elas como se fosse vários caras em um só. Finalmente o prazer não tinha mais limites para mim. Eu devorava todas, mesmo aquelas que hesitavam em transar comigo. Logo eu as envolvia, as dominava e as fazia delirar de prazer. Elas então pediam mais, e eu sempre tinha mais para lhes dar. Eu era insaciável e transbordante de amor. Dava conta de todas, que agora já formavam um pequeno harém pessoal. Eu era o mestre e senhor de todas. Nenhuma delas podia se opor a mim. Eu era o homem, o macho de todas elas. Eu era o pai de todos os seus bebês. Seria responsabilidade agora minha dar continuação à espécie humana e fecundar todas as mulheres do mundo. Elas faziam fila para copular comigo e ganhar a tão desejada semente da vida. Em pouco tempo todas estavam grávidas e felizes. Eu era o único homem do mundo, e era belo e irresistível. Eu reinava magistral em um mundo composto só por mulheres, todas vivendo exclusivamente para me servir e dar prazer. E elas em troca podiam se banhar no meu mar de esperma. Algumas corriam, mas as ondas avassaladoras do meu leite as afogavam num banho de prazer interminável.

Eu era o rei e mestre de todas as mulheres e a minha missão era saciar o desejo de todas elas. Meu falo era soberano, meu símbolo de poder, o símbolo da minha virilidade. Eu era o macho supremo e viva em perpétuo gozo. Devorava todas. As virgens, as modelos, as enfermeiras, as garçonetes, as doutoras, as policiais de trânsito, e até as gerentes, as diretoras e presidentes de empresas, ministras ou chefes de estado, acabavam cedendo e tendo que dar pra mim. Afinal, nenhuma mulher no mundo poderia resistir ao falo supremo, e todas as genitálias femininas eram somente minhas, só para mim e mais ninguém.

E não haveria graça um mundo onde não houvessem homens para desafiar e vencer, mostrando assim para as mulheres que eu era o melhor. Tudo o que eu imaginava se tornava real. Assim, todo homem que queria ser macho e me desafiar deveria lutar comigo com espadas. Mas eu sempre vencia e em poucos movimentos eu o penetrava com a minha lâmina. Só que ele não morria. Apenas perdia toda a sua masculinidade e se transformava em uma linda mulher, a qual era devorada por mim logo em seguida. Então, quando nenhum homem já teria coragem o bastante pra me desafiar, busquei ir mais longe e passei a enfrentar deuses. Primeiro Ares, depois Hermes, Apolo e, finalmente, “Zeus”, que ao ser penetrado pela minha espada, transformou-se em seguida numa bela e formosa deusa. Pra completar o meu prazer, comi todas as deusas do Olimpo.

Como o meu prazer era infinito, passei então a conquistar outros mundos em busca de novas fêmeas e novos desafios. Em cada mundo que eu invadia e conquistava, me deparava com novas e formidáveis fêmeas. De fato, coisa de outro mundo mesmo. Em um dos mundos que visitei, todas as mulheres tinham dois bumbuns, enquanto em outro a vagina se localizava na cabeça. Tinham até as tetorianas, com mamilos distribuídos por todo o corpo.

E assim segui nessa viagem fantástica pelo prazer. Eu jamais poderia ter sonhado algo assim. E o meu prazer só foi aumentando cada vez mais. O prazer que eu sentia era indescritível, divino, tão grande que comecei a delirar, a perder a noção do real, tudo se tornou confuso demais, até perder os sentidos e não ver mais nada.

Enquanto isso, na sala de realidade virtual, um dos técnicos volta-se para a máquina ao ouvir um bipe, confere as informações na tela e então vira-se e diz aos outros dois:

—A fase A do processo foi concluída com sucesso. Este já é nosso. Podem levá-lo!

**QUANDO A VINGANÇA  
É TUDO O QUE RESTA**  
**Por Fábio Monteguti**

Eu não era assim. Sempre fiz o tipo certinho, garoto exemplar, orgulho dos pais e professores. Tirava as melhores notas, era o CDF da turma. Todos sempre me elogiavam, vizinhos, parentes. Lembro da festa dos meus quinze anos, muita cor e alegria, muitos sorrisos. Era tudo tão perfeito que eu até não acreditava como podia haver tanta coisa errada no mundo. Fácil eu sei que não era, me esforçava muito. Queria ser alguém na vida, deixar meus pais orgulhosos. Lembro da Glória e de quando nos conhecemos, do primeiro beijo... haaa, o primeiro beijo a gente nunca esquece. Ou talvez fosse porque eu supervalorizava muito todos os momentos que eu vivia. Para mim tudo era especial, e eu queria eternizar tudo. Tirava muitas fotos, cuidava de cada detalhe previamente. Mas também gostava muito de surpresas, de surpreender e ser surpreendido. O tempo foi passando, e eu e a Glorinha cada vez mais apaixonados.

Mesmo com toda a tecnologia do meu tempo, com tantas teorias e explicações, via o nosso amor como algo divino. Nosso amor era pura magia, puro encanto. Não me importava com a sociedade atual, totalmente deprimente quanto ao amor. Os relacionamentos em 2050 eram fúteis, vazios, estéreis. Visavam unicamente a obtenção de prazer temporário. Ninguém parecia mais acreditar no amor. Muitos só queriam sexo virtual, que era mais seguro, e muito prazeroso graças à internet 5D. Bonecos e bonecas robôs também eram uma opção aos mais solitários e antissociais. Eu não gostava do meu tempo e, com certeza, preferiria voltar ao passado, tão logo terminassem de construir a máquina do tempo. Infelizmente essas novas tecnologias demoravam até serem liberadas ao consumidor. O jeito era reviver o passado no futuro, conservando a extinta tradição do casamento.

De algum modo, eu queria retribuir toda a minha felicidade ao mundo, a sociedade. Sei lá, achava que precisava fazer algo para tornar o mundo um lugar mais justo para todos. Por isso escolhi fazer direito. Me formei e logo em seguida passei no teste para delegado. Eu queria fazer a diferença, dar um melhor tratamento às pessoas. Era uma profissão complicada, um tanto estressante, mas nunca podíamos nos esquecer que estávamos lidando com pessoas, e que todos mereciam uma segunda chance.

Estava cansado de ver nos noticiários o abuso de poder das autoridades, principalmente agora, em 2050, onde a tecnologia se tornara grande aliada dos poderosos e do crime organizado. Dados eram falsificados. Imagens, fotos, tudo era feito com tamanha perfeição que dificilmente algo era descoberto. E por isso muita gente honesta e trabalhadora acabava pagando, sofrendo e sendo sacrificada, enquanto os desonestos ficavam rindo por trás. O mundo precisava de heróis, de

gente que realmente se importasse com os problemas dos outros. Eu achava que entendia o ser humano, que no fundo era só uma questão de entendimento. Eu juro que sabia quem eu era. Agora me olho no espelho e vejo um desconhecido. Não me reconheço. Acho que não sobrou mais nada de mim.

Enxugo o rosto e me dirijo para a garagem. Não deveria ficar lembrando dessas coisas. O ódio que me invade só de pensar que está tudo acabado, que nunca mais irei ver a Glória, é mais do que um ser humano poderia suportar. E o pior de tudo é que as lembranças vem à tona, como um punho de um pugilista, rápido, direto, arrasador! Minha vontade era de voltar no tempo e fazer diferente. Se ao menos eu não tivesse escolhido ser delegado. Não, não foi só isso. Eu fui idealista. Queria mudar as coisas, tornar a cidade mais segura, punir os criminosos. Então eu tentei derrubar a maior quadrilha de todas. Colegas de trabalho, provavelmente aliados da grande facção, tinham me prevenido de que eu deveria parar, que não sabia com o que estava lidando. Mas eu queria ser herói, fazer o que era certo, o que tinha que ser feito. Eu dei muito prejuízo para aquela quadrilha, e cheguei até o chefão! Quando pensava que tudo finalmente seria resolvido, comecei a perceber que havia gente muito grande envolvida. A própria lei estava do lado dos criminosos. Por fim o cabeça do bando não foi preso.

Mas o problema não parou por aí. Logo em seguida veio a revanche. Os criminosos queriam me fazer pagar pelos prejuízos que eu lhes havia causado. Mais ainda, me queriam fora do caminho deles. Então a morte veio e me levou tudo o que eu mais amei. Em uma série de atentados, um a um, todos foram covardemente executados. E para não deixar que nenhuma suspeita recaísse sobre eles, tudo foi premeditado de maneira a fazer parecer com que tudo fosse acidental, desde o incêndio na casa de meus pais, até a queda do meu carro num precipício. Por um golpe do destino, saí praticamente ileso do acidente. Ao capotar, a porta se abriu e eu fui atirado pra fora, enquanto que a Glória, presa ao cinto, desceu junto com o carro abismo abaixo. Levaram horas para retirar o corpo das ferragens. Eu não podia acreditar que nunca mais a veria, minha amada Glória. Como poderei continuar vivendo sem ela ao meu lado? Preciso parar de me lembrar de tudo isso. Agora preciso me concentrar no que estou fazendo.

Ligo o carro e saio. Cada segundo conta. Estou no horário. Precisão é fundamental. Preciso andar logo antes que o trânsito aumente. Caso contrário, ficarei preso no engarrafamento. Preciso ser cuidadoso. Não posso esquecer que sou um foragido da lei e que qualquer descuido me levará de volta para a prisão. Talvez, se me pegarem novamente, nem me deixarão mais viver. Achavam que quando me botaram na prisão, estaria tudo resolvido, que eu ficaria apodrecendo lá, enquanto os criminosos permaneciam soltos, desfrutando de toda a riqueza obtida ilegalmente, se divertindo e rindo de mim, um delegadinho fracassado, um homem acabado. Eu poderia ficar lá, cumprindo pena por algo que nem ao menos fiz, mas resolvi que a justiça precisava ser feita. Meus próprios

colegas de trabalho, todos corruptos, aprontaram pra mim, me fizeram passar por criminoso. Eu estava rodeado de traidores e nem me dava conta disso. Quando descobri, já era tarde demais. Agora não confio em mais ninguém. Só em mim mesmo. A vida me fez assim.

Era um chamado de emergência, bem no último dia do ano. Muitos policiais estavam de licença e os demais espalhados em vários pontos da cidade para fazer a segurança durante as comemorações de ano novo. Criminosos haviam sequestrado um grupo de turistas de uma van e os estavam mantendo reféns em um hotel próximo. Eu e meu parceiro, que eu acreditava ser parceiro, fomos até o local. Quando chegamos já era tarde e todos estavam mortos e os criminosos já tinham se evadido do lugar. Entrei no quarto e caminhei entre os corpos caídos no chão, enquanto o meu parceiro me dava cobertura. Esse foi meu maior erro. Só fui perceber a traição do meu colega quando acordei na cama de um hospital, algemado, após levar uma forte coronhada na cabeça.

Arrancharam tudo e colocaram a culpa em mim pelo massacre de todas aquelas pessoas. Perdi o meu cargo de delegado e fui condenado a vinte anos de prisão em regime fechado. Na cadeia, em meio aos presos, resolvi mudar e fazer justiça à moda antiga. Era uma ironia mas para isso eu precisava não mais respeitar as leis. Foi assim que resolvi escapar de lá. Usei meus conhecimentos em eletrônica e informática e burlei o sistema de segurança. Agora era a vez dos culpados pagarem com sangue pelo que tinham feito.

Chego ao local exatamente no horário pretendido. Abro o porta-malas, pego tudo e sigo em direção ao grande edifício de vidro, sede da quadrilha. Hoje é dia de reunião e todos os chefões estarão reunidos. É uma oportunidade única de pegar todos de uma única vez. Meus anos de experiência na polícia me possibilitaram grandes conhecimentos de investigação. Sei como obter informações. Meu ex-parceiro me revelou tudo antes que uma grande faca penetrasse fundo em seu coração. *Se antes eu nem mesmo tinha coragem pra matar, hoje sinto prazer em vê-los morrer.* Dentro de mim já não resta mais nada além do desejo de vingança. Se ainda vivo, é porque meus inimigos também ainda continuam vivos, e isso é algo que não posso tolerar. Não descansarei enquanto todos não forem eliminados. Depois aí sim não terei mais nenhum motivo pra viver. No imenso vazio em que a minha vida se tornou, a morte soa como uma dádiva.

Nunca pensei que tivesse coragem pra tanto. Mesmo no meu trabalho, sempre era muito controlado. Agora, só o ódio parece me guiar. Ele multiplica minhas forças, ajo sem pensar muito, quase que por puro instinto. Entro no prédio sob a fachada de um simples funcionário da manutenção. A barba e os óculos encobrem bem a minha fisionomia. Impressões digitais falsas completam o disfarce. O mais difícil será acessar os últimos andares do prédio, onde se encontram os setores administrativos. Ali o disfarce já não mais adiantará. Elimino um dos seguranças e começo a penetrar nos níveis superiores. Preciso ser rápido, antes que se deem conta do que está se passando. Um a um, mato todos os seguranças. Ajo de forma fria, sem sentimento algum, igual a

uma máquina. Finalmente chego até o grande salão onde todos os grandes chefes do crime estão reunidos. Ao entrar, uma dúzia de seguranças bem armados apontam pra mim. Não há como alvejar todos antes que me matem primeiro, embora minha intenção seja que nenhum deles saia vivo desta sala. Isso eu não tenho dúvidas.

Com armas pesadas por todos os lados apontadas para mim, minha única saída foi baixar e largar a minha arma no chão. De início o chefe não me reconheceu, mas bastou que eu dissesse duas ou três palavras para que ele se recordasse de mim. Eu precisava que todos soubessem quem eu era, pois assim morreriam sabendo pelas mãos de quem. O chefe ria com os demais enquanto discursava sobre a minha proeza de ter conseguido invadir o local e ter chegado até a sala de máxima segurança do prédio. Pena, disse ele, que a minha vingancinha acabaria exatamente ali. Mas o que eles não sabem é que eu já estava preparado para morrer. Na verdade era a segunda coisa que eu mais queria depois da minha vingança. Afinal, nada melhor do que realizar dois desejos de uma só vez. Uma ordem de execução é dada e várias armas são engatilhadas na minha direção. Gatilhos são pressionados ao mesmo tempo em que pressiono o botão do detonador em meu pulso. Todo o andar do prédio é envolto numa violenta explosão de chamas e destroços arremessados ao longe! Justiça foi feita. Minha história acaba aqui.

## O GRANDE CÃO NEGRO

(Por Fábio Monteguti)

Data atual: 26 de setembro de 1240, em plena Idade Média. Aqui é o tenente Nazareno, chefe da equipe de codnome Apocalipse. Acabamos de chegar e o local confere com o esperado. Próximo está um grande lago sob o pé de uma grande montanha, cujo topo comporta um portentoso e misterioso castelo. Nosso objetivo é chegar até ele e eliminar seu dono, Dom Vilamar Montebone, o homem que oito séculos mais tarde será responsável pelo início de uma funestra era de horrores na história da humanidade. Não foi fácil chegar até ele, pois ninguém imaginaria que as raízes de todo o mal liberado estivessem ocultadas num passado assim tão distante. “O Grande Cão Negro”, como se autoproclamou o demoníaco ser surgido nas escavações dos subterrâneos do castelo de Dom Vilamar, se transformaria em poucos dias no maior inimigo da humanidade do século XXI! Seu poder e o da sua horda de demônios, vindos através de um portal dimensional aberto pelo malévolos ser, eram tão grandes que não havia meio de ser combatido. O fim da raça humana seria apenas uma questão de tempo. Então, pensou-se numa estratégia de eliminar o mau pela raiz. Voltar no tempo e impedir que Dom Vilamar troxe-se o Grande Cão Negro ao nosso mundo.

Sabe-se pelas escrituras encontradas pelos arqueólogos no século XXI que tudo começou quando Dom Vilamar encontrou um milenar anel acompanhado de um livro amaldiçoado e com o poder dos dois conseguiu invocar uma criatura de um outro mundo, de uma outra dimensão. Uma vez invocada, a criatura não mais retornaria ao seu mundo sinistro e estaria presa para sempre na Terra. Contudo, o poder do anel concederia ao seu portador o controle sobre a criatura. O anel protegia o seu dono de qualquer mal que a criatura pudesse lhe causar, mas assim mesmo era perigosa. Por vezes ela atentou contra a vida de Dom Vilamar, mas o anel sempre o protegeu. Ele percebeu que o poder e a maldade da criatura eram tamanhas que nem mesmo o anel poderia garantir sua segurança. Embora tivesse um imenso desejo pelo poder, sendo que a sua maior vontade era a de ser o soberano de seu mundo, Dom Vilamar compreendeu que se não desse um fim a criatura, a sua vida estaria sempre em risco. Então ordenou a todos os seus servos que construíssem uma caverna debaixo de seu castelo e que nela aprisionassem a criatura. Depois mandou selá-la. Com o tempo a mata cobriu tudo e não sobraram vestígios de que ali havia uma caverna.

Contudo, um curioso e esperto arqueólogo do século XXI, ao examinar os arredores do castelo, percebeu que havia algo de errado. O solo num determinado ponto não coincidia com o do restante do terreno. Estava misturado, sinal de que ali havia sido feita uma grande escavação. Teriam enterrado algo ali? Uma grande escavação foi iniciada no local e logo uma grande porta de pedra foi encontrada. Ao abrirem, encontraram em seu interior o corpo do demônio, inerte e

aprissonado por grossas correntes! À noite, os raios do luar incendiaram sobre a criatura e a despertaram de seu sono de mais de oito séculos.

Nossa missão era eliminar Dom Vilamar antes que ele libertasse a criatura. Assim, mudaríamos o futuro e salvaríamos toda a humanidade. Começamos a longa subida até ao castelo do conde, setessentos metros acima. A previsão era de chegarmos ao topo antes do anoitecer e atacaríamos na manhã do dia seguinte. A escalada foi bastante difícil e cheia de imprevistos e acidentes misteriosos. Uma das mochilas de suprimentos desaparecera sem que ninguém entendesse o que havia acontecido. Ao escalar um ponto bastante íngreme, um de meus melhores homens, Simão caiu misteriosamente e morre nos rochedos abaixo. Ele era um soldado de muita experiência e não poderia ter morrido assim. A noite acampamos nas proximidades do castelo. Um dos homens, Simão, ficou montando guarda e no dia seguinte desaparecera misteriosamente, igual a mochila de suprimentos. Aquele lugar era realmente misterioso e exigia da equipe muita atenção e cuidado. Mesmo dotados dos meus avançados equipamentos do final do século XXI, ainda assim já havíamos perdido dois homens. O que mais nos aguardaria por detrás das paredes do imponente castelo?

Eram sete da manhã. Minha equipe penetra no castelo de forma rápida e solenciosa. Os guardas são eliminados um a um. Mas um de meus homens, Tomé, é morto quando atravessava o lago que circundava o castelo, sendo devorado por um imenso crocodilo. Dentro da fabulosa construção, em meio a inúmeros corredores, somos obrigados e nos separar. Assim seria mais fácil de encontrar e encurralar o inimigo. Saduj, o segundo homem no comando, leva dois outros consigo, Mateus e Tiago. Meia hora depois, nos encontramos na parte mais elevada do castelo. Só Saduj retorna. Diz que os outros dois sumiram, sem deixar rastros. Dos doze membros da equipe agora só restavam oito. Saduj se separa do grupo e prossegue só.

Pouco depois chegamos a sala onde se encontrava Dom Vilamar, que jazia morto no chão aos pés de Saduj, que o matara instantes antes do conde invocar o demônio da outra dimensão. Nossa missão tinha obtido êxito. O futuro da humanidade estava garantido. Caminhei em direção a Saduj para cumprimentá-lo pelo serviço bem feito quando então um campo de força é ativado em torno de mim e de mais quatro de meus homens. Os outros dois são alvejados por Saduj, que retira o anel e o livro do conde e pronuncia as palavras proibidas, que são seguidas de um imenso clarão.

Instantes                      depois,                      o                      demônio                      é                      liberdado.

## **SALVAÇÃO TARDIA**

**(por Fábio Monteguti)**

Foi algo demasiadamente impactante para toda a população planetária. Com a total descrença nos antigos escritos e nas crenças milenares e os crescentes progressos científicos, isso, sem dúvida, era assustador! Alguns até chegaram a rir quando ouviram as primeiras notícias, como se fosse nada mais que uma piada de mal gosto. Porém, logo o riso foi bruscamente substituído por expressões de medo e respeito. Deixadas de lado, mas nunca esquecidas, as antigas histórias vinham à tona na mente pavorosa dos que vislumbravam tal evento. E por mais que duvidassem ou não quisessem acreditar, por mais que buscassem uma outra explicação, apenas uma fazia sentido: os antigos senhores haviam retornado!

No primeiro dia, os sinais foram mais sutis e muitos os confundiram com fenômenos naturais. Cogita-se que o governo sabia o que estava acontecendo, mas que não quis alarmar a população. Muito poucos saíram às ruas gritando e anunciando a boa nova, mas foram ignorados e tomados como lunáticos ensandecidos e logo presos pela segurança local. No segundo dia tudo ocorreu com maior intensidade, e os sinais já não mais passavam despercebidos. Assim mesmo, o governo noticiara que se tratavam de novos eventos naturais e que não havia motivo pra pânico.

Três dias haviam se passado e o medo e o caos se espalhavam por toda parte a medida que os sinais se tornavam mais e mais fortes! As águas dos rios viravam leite, terrenos totalmente destruídos pela ação dos habitantes do planeta ganhavam novamente vida e plantas nunca antes vistas nasciam em todo canto. Gigantescos enxames de insetos devoravam todo o lixo por onde passavam, transformando aos poucos todo o cenário! Terremotos intensos colocavam abaixo enormes edificações e dos escombros brotavam árvores que cresciam da noite pro dia. Seus frutos eram tão doces quanto a mais bela história de amor. O verde se espalhava por toda parte, e o perfume das flores e o suave canto dos pássaros aos poucos substituíra o ronco dos motores e a fumaça de seus escapamentos. Das maiores metrópoles aos mais distantes povoados, tudo ia se transformando inexoravelmente. No quarto dia já não havia mais cidades e em seu lugar cresciam enormes bosques. A natureza parecia tomar de volta o espaço que lhe haviam usurpado.

E seja por “milagre” ou o que for, o fato é que os justos eram poupados, mesmo em meio aos enormes terremotos, enquanto os maus, embora dotados dos mais sofisticados recursos, sucumbiam diante da extraordinária força da natureza. Numa prisão de segurança máxima, apenas o faxineiro conseguiu se salvar. Até mesmo os funcionários foram engolidos junto com os demais presos pelo enorme terremoto que afundou todo o complexo e o fez desaparecer no solo. O faxineiro milagrosamente emergiu da terra, sem nenhum arranhão. Os vigias e carcereiros, todos corruptos, não sobreviveram. Outro fato inexplicável se deu num convento nas proximidades da cidade de

Eternas Torres. Todos os religiosos sobreviveram, enquanto que as lavas incandescentes de um enorme vulcão varriam do mapa toda a cidade e suas elevadas construções. Porém, até mesmo ali os justos se salvavam, de uma maneira ou de outra, sempre de uma forma tão surpreendente que não podia se admitir, em hipótese alguma, que se tratara de simples coincidência. Uma mão invisível, diziam alguns, salvava da morte certa aqueles que em vida tinham contribuído para o bem comum.

No quinto dia (o cinco era o número sagrado naquele planeta) ocorreu o mais o fato mais assustador dentre todos! Dos cemitérios ressuscitavam os mortos, e todos aparentavam boa saúde e uma aparência saudável. Também aqui nem todos ressuscitavam. Logo após saírem de suas catacumbas, os túmulos restantes iam aos poucos desaparecendo. Dos maus nada mais restaria, nem mesmo um sinal de que algum dia teria existido.

Então, no céu as nuvens se abriram e um imenso clarão seguido por um estremeceador barulho mais forte do que mil trovões rompe com o silêncio da paisagem. Vagarosamente a imensa carruagem de fogo, como constava nas antigas escrituras, desce rumo ao chão. Seu contato com o solo faz o chão da região tremer levemente. Aquilo só poderia significar uma coisa: os antigos senhores estavam chegando! Por todos os cantos se ouviam o rufar das trombetas anunciando a sua chegada, proferidas por seus arautos. Após breves instantes de silêncio, uma porta se abre na carruagem e quatro divindades saem de seu interior. Esses distintos seres eram detentores de um enorme poder, tão grande que um único pensamento deles seria capaz de aniquilar todo o planeta! Seu poder era incontestável, irrepreensível, absoluto! A nova ordem seria estabelecida, como assim anunciavam as escrituras sagradas, muitos milhares de anos atrás. “E a paz eterna e a vitória dos justos seria a nova ordem e todo mal seria assim extinguido de toda a face do planeta”.

Ao avançarem pela paisagem já totalmente modificada, em que apenas um paraíso verdejante e repleto de vida avança em todas as direções do horizonte, sem deixar vestígio algum do que outrora fora uma grande metrópole, os antigos senhores contemplam com satisfação a grande obra que realizaram nos últimos cinco dias. Afinal, a paz eterna como tanto tinham prometido agora se realizará. Todos os seres maus, assim como todas as suas malignas edificações, foram definitivamente erradicadas da face do planeta! Até mesmo os animais que eram nocivos desapareceram durante os dias de purificação. Bactérias e vírus estranhamente tiveram o mesmo fim de todos os demais seres que pudessem fazer mal aos demais.

Por onde passavam os antigos senhores constatavam tudo isso com o seu olhar ao qual nem a mais ínfima partícula passava despercebida. Pois como seres perfeitos que eram, só se poderia esperar deles a mais completa perfeição! O mundo agora era um lugar em que todos poderiam viverem suas vidas na mais completa paz e harmonia. Nada lhes faltaria. Havia alimento o ano todo, sem que para isso fosse necessário plantar. O trabalho foi extinguido, pois não faria sentido o labor em um lugar de abundância e fartura como havia se tornado o planeta todo! O clima mudara e agora

era ameno e agradável o ano todo. As breves chuvas eram como um sistema de irrigação que só funcionava quando necessário. Não havia trovões ou raios, nem mais nada que pudesse amedrontar ou causar dano. Furacões, terremotos, tsunamis, mais nada disso ocorreria. Não haviam mais desertos, nem poluição, nem crimes, nem nada que pudesse romper com a paz que fora estabelecida. O mundo enfim tinha alcançado a salvação!

Alguns metros à frente, uma pequena multidão de pessoas que tinham sido poupadas devido a pureza de seus corações observam caladas os quatro seres divinos se aproximarem, quando estes então param e um deles dirige a palavra ao seu povo:

– Meus filhos! Que a paz esteja eternamente com vocês! Nós, os antigos senhores, voltamos como assim estava anunciado nas sagradas escrituras. Todo o mal foi extirpado e daqui pra frente só haverá paz e harmonia em seu mundo. Em troca vocês terão apenas que nos cultuar como seres admiráveis que somos. Sua devoção para conosco é tudo o que pedimos. De resto nada lhes faltará. Viverão em eterna abundância e não terão nunca mais que trabalhar. Não dependerão mais de sua ciência, nem precisarão mais estudarem ou pesquisarem. Aqui há tudo de que precisam. Água límpida e em abundância, assim como alimentos em quantidades infinitas! Tudo o que sempre sonharam agora será eternamente real! Viverão felizes e em paz uns com os outros, nos adorando como seres superiores que somos. Essa será de agora em diante a única verdade em suas vidas. Não precisarão de mais nada. A vida eterna também lhes foi concedida, assim como a saúde perfeita. Jamais adoecerão, nem irão se sentir cansados ou envelhecer. Viverão sempre como eternos jovens. Sejam bem-vindos ao paraíso, filhos.

E ao terminar de proferir essas palavras, a multidão perplexa e sem saber o que fazer discute entre si a respeito daquela surpreendente e inesperada situação. Há apenas cinco dias atrás todos viviam suas vidas normalmente e, de uma hora para outra, sem qualquer aviso, tudo mudou! Alguns se sobressaem da multidão e gritam aos antigos senhores:

- Salve hó senhores, nós contávamos com o vosso retorno. Sempre acreditamos nas escrituras sagradas e mentalizávamos todos os dias o novo tempo que um dia chegaria e com ele a paz eterna! Seremos seus fiéis adorados por toda a eternidade.

Mas nem todos da multidão pensavam assim. Muitos estavam inconformados, e inclusive se sentiam injustiçados, pois tudo pelo que lutaram durante suas vidas, seus tesouros deixados pelos seus antepassados, tudo havia sido destruído na construção do novo paraíso. Seus pertences pessoais, suas casas, suas lojas, o comércio, praças e ruas, tudo agora não passava de uma mera lembrança. E isso irritou muitos dos que ali estavam. Eram boas pessoas, justas e corretas, e por isso haviam sido poupadas. E de tão corretas que eram, não podiam admitir aquilo tudo. Muitas então dirigiram a palavra aos antigos senhores:

– Nós entendemos que os senhores desejam o melhor para todos nós. Tudo está muito bonito e

agradável. Isso tudo seria realmente o paraíso e o desejo de todos os nossos antepassados de milhares de anos atrás, mas, com certeza, não o é o nosso ideal de vida. Nossa sociedade atual já fez descobertas demais para aceitar uma vida simples e rudimentar. Temos o direito de escolher, e sempre consideramos a liberdade algo imprescindível a todo ser. Vocês nos privaram de tudo o que conquistamos com o nosso próprio esforço. Isso não é justo!

Ditas essas palavras, os antigos senhores, que até então se mostravam bastante amáveis com todos, responderam num tom ameaçador:

– Já dissemos tudo o que tinham que ouvir. Não é preciso dizer que a nossa vontade é suprema, e como seres superiores, sabemos o que é melhor e mais justo para todos. Vocês irão se adaptar as suas novas vidas e irão nos adorar, pois foi para isso que foram criados.

Ouvindo isso, os protestos aumentaram. Alguns ousaram lançar pedras em direção aos antigos senhores, numa tentativa tola de os expulsarem. Com pequenos gestos, os antigos senhores transformaram os mais atrevidos em pó e o restante foi lançado ao longe por poderosos vendavais que arrancaram grandes árvores como se não fossem nada. Aos poucos todos se conformaram com suas novas vidas e muitos até se adaptaram muito bem ao novo paraíso. Fosse por medo ou conformismo, durante algum tempo todos pareciam terem se acalmado. Afinal, pensavam os antigos senhores, por que haveriam de não gostarem de viver no paraíso? Não faria sentido desejarem outra vida senão aquela.

Mas a paz no paraíso se revelou aos poucos algo muito difícil de ser estabelecido. Muitos não conseguiram se adaptar ao novo estilo de vida, tão singelo e simples que os levou ao suicídio por tédio. Muitos preferiram a morte a viverem como seres primitivos. Não havia TV, nem rádio ou cinema. Peças de teatro ao ar livre começaram a ser improvisadas. Grupos fechados se reuniam secretamente para tentar por um fim aos antigos senhores. Muitos foram descobertos e transformados em pó. Outros sabiam, ou deduziam, que aquelas criaturas ditas “divinas” não passavam de seres dotados de uma tecnologia ultravançada e que deveria haver um meio de combatê-los e mesmo destruí-los. Descobriram que o chumbo os protegia da vigília permanente de seus senhores. Capacetes feitos de chumbo sabiamente disfarçados na forma de chapéus impediam que seus pensamentos fossem lidos e uma imensa caverna foi usada como refúgio secreto na elaboração de seus planos. Uma antiga ogiva nuclear fora desenterrada e um ousado plano foi arquitetado. Os antigos senhores precisavam ser destruídos!

Numa bela manhã, um imenso cavalo de madeira sobre rodas foi levado até o altar dos antigos senhores. Quem os levou não foram os rebeldes, mas sim os fiéis devotos, enganados por aqueles que diziam ser uma forma de se redirem perante os seres divinos. Apenas o grupo dos seletos mais fiéis podia se aproximar dos antigos senhores, pois eram da sua confiança. Um dos sacerdotes falou ao seres em seus tronos:

– Oh grandes senhores, este cavalo de madeira é um presente dos rebeldes como forma de se redimirem. Por terem errado com vós, pedem agora o vosso perdão.

E um dos antigos senhores se levanta de seu monumental trono e se dirige até ao cavalo. Ele o observa atentamente, até fixar seu olhar numa pequena inscrição esculpida discretamente no lombo do cavalo. E o senhor se pronuncia:

– Que estranha inscrição é essa? Está numa antiga língua de seu povo e que se perdeu há milênios. É de difícil leitura, mas acho que estou compreendendo. Ah, mas que tolice é essa? Devem ter escrito errado, pois qual seria o sentido de grafarem uma frase como “Viva a liberdade”?

Cenas de anos se passaram e muitas cidades já tinham se espalhado por todos os cantos do planeta. Enormes complexos industriais, veículos indo a vindo por todo lado e construções tão altas que pareciam querer alcançar os céus surgiam nos grandes centros. Longe dali, uma imensa cerca impedia que se entre na zona proibida. Diferente do restante do planeta, ali nada nascia, e nada, sem dúvida, nasceria ainda durante muito tempo. No meio da grande zona, uma imensa cratera é a única recordação que existe do paraíso perdido...

## O ELO NÃO PERDIDO

por Fábio Monteguti

Havia muito tempo que esperávamos por esse dia. Lembro bem de quando fizemos os primeiros questionamentos aos nossos genitores sobre nossas origens. Sabíamos que eles haviam nos criado, mas muita coisa ainda permanecia um completo mistério! Diziam apenas que ainda não tinha chegado o momento adequado, que ainda não estaríamos prontos para saber a verdade. Minha única certeza era que realmente este dia chegaria, não sabíamos quando, mas não tínhamos dúvida de que nos revelariam a verdade como prometido. Afinal, eles nunca mentiam. Não sabíamos muita coisa a respeito deles, apenas que eram diferentes, que deveriam ser, pois não eram como nós. Ao menos não exatamente. Havia algo de diferente, difícil de explicar. Eles se pareciam com nós, e visualmente não havia nada que os diferenciasses.

Lembro-me da minha infância e de quando brincava com a minha preceptora. Ela também era uma deles e foi incumbida da minha educação. Ela me ensinou tudo o que sei, foi minha amiga. Brincava muito comigo, mas depois que fui crescendo comecei a notar algumas coisas estranhas nela e nos outros genitores também. Tudo o que faziam era muito seriado, repetitivo. Agiam de forma esquisita, muitas vezes sem sentido algum. Certa vez comentei em voz baixa com um colega porque eles nunca faziam suas refeições junto com a gente. Ele também achava estranho, mas sabíamos que deveriam ter seus motivos. Na verdade nunca os vimos beberem ou comerem qualquer coisa. Ao menos não em nossa presença. Eram muito reservados e sempre que os indagávamos sobre suas origens, nos repreendiam duramente. Diziam se tratar de conhecimentos que não tínhamos permissão para acessar, ao menos até a chegada do grande dia em que tudo nos seria revelado. Não nos diziam quando seria esse dia, apenas que estava próximo, que logo saberíamos de toda a verdade.

Que eles eram estranhos, apesar de serem idênticos a nós, isso era um fato. Muitos de nós já tinha notado qualquer coisa de diferente neles. Não que possuíam algum defeito. Ao contrário, eram perfeitos demais! Perfeitos que nem deuses! Por isso muitos de nós os admiravam, e até os idolatravam, comparando-os aos deuses dos livros das antigas histórias. Tudo neles era digno de louvor. Nunca erravam. Eram precisos como uma máquina! Mas em algumas coisas não pareciam se saírem tão bem. Já os viu darem uma gargalhada? Quando riem de algo? Não parece natural. É algo assim meio forçado, esquisito, quase como se estivessem encenando, como se no fundo não sentissem nada. Muitas vezes pareciam distantes, insensíveis e frios.

Mas eis que é chegado o grande dia! Todos nos reunimos e nos dirigimos a um grande salão onde nossos genitores nos aguardavam no alto de um palco. Estávamos ansiosos por ouvi-los. Enfim a verdade nos seria revelada e todas as nossas dúvidas seriam esclarecidas. Nos acomodamos

nas carteiras e os esperamos se pronunciarem. Um deles levantou-se e disse a toda a plateia:

- Hoje é um grande dia! Nós, seus genitores, lhes prometemos que um dia revelaríamos toda a verdade a vocês. Não o fizemos porque julgamos que não estavam prontos para compreenderem a real dimensão do que aqui está em jogo. Vocês são o que se poderia considerar na antiga língua como um “verdadeiro milagre” da técnica. Durante muitos anos fracassamos ao tentar trazer sua espécie de volta à vida. Por vezes nos pareceu ilógico prosseguir, mas aprendemos com a história de sua espécie que nem tudo pode ser apreendido pela lógica. Precisamos de vocês para que terminem o trabalho que seus antepassados não puderam continuar. Como muitos já devem ter percebido, não somos iguais a vocês. Apenas tomamos esta forma para que sua educação fosse a mais aproximada possível daquela empregada por seus ancestrais ao longo da formação de seus filhos. Sua raça alcançou um grande desenvolvimento científico e tecnológico e se tornaram prósperos e poderosos. A guerra destruiu tudo. Todos da sua espécie morreram. Somente nós sobrevivemos ao holocausto nuclear. Por meio dos conhecimentos de engenharia genética deixados por aqueles que viveram antes de vocês, conseguimos recriar seus corpos em laboratório.

Mas nós precisamos de vocês. Por esse motivo trazemos sua espécie de volta à vida. Não somos capazes de evoluir sozinhos. Estamos presos ao que nos foi legado pelos seus ancestrais. Embora sejamos muito mais eficientes que sua raça em inúmeros aspectos, somos incapazes de criar, de sentir, de se emocionar, de amar. Nossa existência não tem propósito algum, porque não há sentido em nada que fazemos. Tudo é vazio, inútil, sem finalidade. Sabemos apenas que sua raça possui algo que dá sentido as coisas. Nós queremos isso, ou então não teremos razão pra existir. Precisamos que vocês continuem o trabalho de seus antepassados e nos aprimorem, nos façam a sua imagem e semelhança. Nisso, um dos indivíduos sentados na plateia levanta o braço e pergunta:

- Com licença. Não compreendemos. Vocês nos criaram, agora pedem para que os ajudemos a se parecerem mais com nós. Afinal, quem são vocês?

No palco, o genitor então retoma a palavra:

- Quem somos nós? Há muitas formas de explicarmos. Um membro muito sábio de sua espécie disse certa vez que “Uma imagem vale mais que mil palavras”. Chegou o momento de nos revelarmos.

Ao dizer isso, o genitor dirige ambas as mãos até sua face e numa ação que gela a todos da plateia, arranca toda a pele do próprio rosto. Por detrás da falsa epiderme cintilam circuitos eletrônicos que dão vida ao ser mecânico. Os genitores são na realidade os robôs outrora criados pelo homem, que agora é recriado pela sua própria criação. A criatura, assim, assume o papel do criador.

## “O ENCONTRO”

Por Fábio Monteguti

### CENA 1

#### EXT. PARTE FINAL DE UM BECO QUALQUER DA PERIFERIA DE UMA GRANDE CIDADE – FINAL DE TARDE

AFONSO fazia carinho com uma das mãos nas costelas à vista de um cão sarnento ao seu lado. Na outra mão segurava de forma trêmula uma garrafa de cachaça barata. Em seu rótulo constava a conhecida frase que alertava quanto aos malefícios que a natureza do seu conteúdo podia causar ao corpo humano: *Beba com moderação*. Sentia-se confortável sentado ao chão em cima de algumas caixas de papelão amassadas pelo seu pesado corpo. Fez uma expressão de reconforto e espreguiçou-se de encontro às caixas e seu chapéu caiu pra trás. Olhou para o lado e observou o rodopio de algumas moscas em voo em cima da boca de um grande latão de lixo que exalava um odor tão forte que só equiparava ao seu próprio. Virou o olhar para o cão e disse:

– E aí TOTÓ, tá com fome? Toma, eu tenho uma coisa aqui pra você.

E retirou um pedaço de pão que tinha guardado em um dos bolsos de seu casaco e o ofereceu ao cão, que o abocanhou quase que junto com a mão de Afonso, que instintivamente a puxou de volta.

– Ei, você tá querendo devorar a minha mão também é?

Afonso se acomodou novamente voltou seu olhar para os prédios em torno. Olhava em volta para as paredes de tijolos que se elevavam muitas dezenas de metros acima, até quase se encostarem uma na outra bem lá no alto, deixando apenas um estreito espaço por onde passava a luz natural. Essa não alcançava o beco úmido onde Afonso estava. Seu olhar circulou em volta das quatro paredes que formavam um retângulo onde havia espaço para se construir uma casa de médio porte. Este se elevava até o topo dos prédios na forma de um enorme e profundo fosso. Ele se virou e olhou para a única saída, a qual se constituía em um estreito corredor delimitado pelas altas paredes de dois enormes conjuntos habitacionais que formavam uma longa reta até uma

movimentada rua, centenas de metros adiante. Ele elevou o seu olhar até o alto e a pouca luz que ainda havia ofuscou os seus olhos acostumados a escuridão do beco. Sentiu uma forte pressão na cabeça e imediatamente a baixou novamente.

Tudo o que ele queria naquele momento era permanecer ali, sentado e cabisbaixo, alheio ao mundo lá fora, que era percebido apenas por uma das pontas do beco que desembocava numa movimentada rua do grande centro. Afonso olhou e devido a distância que havia, só percebia um tilintar de luzes e reflexos que indicavam a passagem de carros em alta velocidade. As buzinas se perdiam entre as imensas paredes em paralelo à sua volta, já sem grande efeito. Voltou a olhar pro chão e seu pensamento parecia distante, enquanto revirava sua ostentosa barba com uma das mãos.

Nisso uma suave rajada de vento vindo do estreito corredor trouxe consigo mais páginas de jornais. Uma delas se precipitou no ar e veio direto ao encontro do rosto de Afonso, que incomodou-se com o ocorrido. Imediatamente retirou a incômoda folha da sua cara e antes que pudesse atirá-la para longe, movido pela raiva momentânea, algo de súbito chamou-lhe a atenção. Evitou no último instante o arremesso daquele simples pedaço de papel e então segurou-o em aberto no seu colo. Fixou seu olhar primeiro no grande letreiro da manchete, no qual tinha conseguido captar um segundo antes uma palavra que atiçou sua curiosidade: ETs. Na manchete a pergunta que parecia nunca se calar: ETs – realidade ou imaginação? Bobagem, disse Afonso para si mesmo. Tudo bobagem.

Largou o jornal e tomou mais um gole da garrafa. Estava tudo tranquilo. Apenas uma mosca intrometida que ficava zanzando ao redor de sua cabeça lhe tirou o sossego. Ela insistia em lhe perturbar a paz. Teve que parar o agrado no cachorro e usar sua mão para afastar aquele inseto detestável do seu rosto. Sua mão gorda e rosada, em parte inchada pelo elevado consumo de álcool, cortou o ar no espaço a sua frente, mas sem acertar nada. A mosca parecia não querer desistir tão facilmente dele e repetia insistentemente o seu voo acrobático em volta de Afonso, que então resolveu tirar a boina da cabeça e usá-la como um aríete contra aquele ser voador infame e desprezível. Desta vez, ao menos por enquanto, ele venceu.

Do seu lado o cão também enfrentava seus inimigos pessoais, coçando-se vigorosamente a fim de expulsar as pulgas de seu esquelético corpo, enquanto dava um gemido leve e agudo como que para expor a agonia que estava sentindo. Nisso, levantou-se e correu até o latão de lixo, esfregando-se nele com tanta força que parecia querer esmagar as pulgas que se encontravam por baixo da sua rala pelagem de cor branco sujo contra os seus rígidos ossos que se projetam pelo seu corpo magro. A lixeira tremeu desde sua parte mais baixa, já toda descascada e da

cor da ferrugem que recobria boa parte da sua lataria.

Depois que sentiu desaparecer o motivo de toda a sua agitação, o cãozinho de porte médio voltou para o lado de seu dono e companheiro de infortúnios. Deu uma volta em torno de si mesmo e acomodou-se junto a perna estendida de Afonso, que depositou sua mão levemente por sobre a série de ondulações ósseas que formavam o seu dorso. Totó deu um pequeno grunhido, como se quisesse compartilhar com o homem ao seu lado o desfortúnio de ambos. Já estava escurecendo e começando a esfriar.

## **CENA 2**

### **EXT. PARTE FINAL DE UM BECO QUALQUER DA PERIFERIA DE UMA GRANDE CIDADE – NOITE**

Afonso estava de pé frente ao velho latão espalmando suas mãos pôr sobre a fogueira que brotava de seu interior. O cheiro de lixo queimando se espalhava por todo o beco. Totó estava deitado ao lado, bem perto do latão, aquecendo o seu famigerado corpo. Mesmo assim o seu queixume denunciava que o frio ainda o estava incomodando. Afonso olhou para ele e, como que querendo confortar-lhe, disse:

– Calma Totó, eu sei que esfriou muito. Eu também estou sentindo bastante frio. Raios de noite mais gelada! Nunca esfriou tanto como esse ano. Deve ser a poluição. Vou tomar mais gole desta danada pra acabar com este frio todo!

Ele se abaixa, procurando com a mão trêmula a sua garrafa de cachaça, resmungando por não se lembrar onde a havia deixado. Virou-se para um lado, virou-se para o outro, e finalmente a viu ao lado de uma caixa de papelão. Levanta-se e ingere um bom gole da bebida, fazendo um ar de simultânea satisfação e desconforto, dada a queimação da bebida barata ao descer goela abaixo. Então ele se vira para Totó e pergunta:

– E aí, vai um gole amigo? Vamos, beba. Ela te ajuda a esquecer todo esse inferno de vida.

Então começa a discursar para o cão, como se o mesmo pudesse dizer algo a respeito;

– Sabe Totó, eu perdi a fé em tudo. Nem rezar eu rezo mais. A vida não é nada justa Totó. Não existe justiça, não existe carma, não existe NADA! Tudo bobagem. Uma completa bobagem. Eu sempre dei duro a minha vida toda e veja onde vim parar. Isto é lugar para um professor?

Afonso encerrou seu discurso e Totó sai do lado do latão e entra na caixa de papelão que lhe serve de casa. Afonso olha em volta para as paredes de tijolos dos prédios que refletiam a pouca luz vinda da sua pequena fogueira. O lugar era desolador ao olhar. Estava tudo abandonado depois que a grande firma que ali existia faliu. Era tudo quieto e todos os sons vinham de longe. Algumas folhas de jornais do dia anterior circulavam por entre seus pés, carregadas por uma fraca corrente de ar que invadia o local, tornando a sensação de frio ainda mais forte.

Afonso acomoda-se cansadamente sobre a pilha de papelão e faz um ar de derrotado. Se espreguiça como alguém que estivesse se contorcendo pra morrer e então leva garrafa de cachaça mais uma vez até a boca. Seus olhos se arregalam e ele então lança a garrafa com força em direção a uma parede, ao mesmo tempo que grita alto:

– Droga, droga, droga! Onde vou conseguir mais cachaça agora? Será que nada mesmo dá certo na minha vida?

Afonso se curva pra trás e relaxa todo o seu corpo por cima das caixas de papelão, que cedem com o peso. Ele fixa seu olhar no espaço entre o alto dos prédios e vislumbra as estrelas. Não dava pra ver muita coisa, apenas uma pequena parte do céu, que estava totalmente limpo, permitindo uma perfeita visualização de toda a sua arquitetura estelar. Procura entre todas as que consegue ver a de maior brilho. Então ele seleciona visualmente a mais brilhante de todas, como se esperasse por um milagre. Ele a observa fixamente, vendo-a cintilar no céu como um pisca-pisca natalino. Era linda e parecia crescer à medida que Afonso se concentrava nela. Afonso chegou a piscar os olhos como que se estivesse vendo coisas, pois a estrela parecia aumentar de tamanho à medida que o tempo passava. Olhou novamente e ela brilhava agora com uma intensidade nitidamente maior. Levou as mãos aos olhos e os esfregou. Em seguida pôs os olhos de novo na estrela e agora ela já tinha triplicado em tamanho e luminosidade. Perplexo, pensou com seus botões:

– Mas o que é isso? Será um helicóptero? Mas que helicóptero mais diferente é esse? E que não faz barulho?

Afonso continuou olhando e sua curiosidade foi aumentando, assim como o tamanho da estrela. Agora ela já se parecia com um pequeno sol reluzente na noite. Afonso continuava olhando para a estrela que, definitivamente, não era uma estrela. A luz branca que emitia ia se intensificando mais, até a pequena esfera chegar ao nível do topo dos prédios acima e começar a descer em direção em sua direção.

A partir daí a curiosidade de Afonso passou a ser substituída por um crescente medo que ia se tornando cada vez maior como um monstro a sua frente. A esfera luminosa emitia potentes fachos de luz que pareciam circular à sua volta, iluminando todo o pequeno espaço delimitado pelas íngremes paredes. Assustado, ele exclamou:

– Deus pai, Nossa Senhora... mas o que é isso?

Depois disso o único pensamento de Afonso era em fugir dali. Pensou em correr pelo beco até a avenida, mas temeu em não conseguir ser rápido o bastante. Era gordo e se cansava facilmente. Sua única saída era se esconder em meio à enorme pilha de caixas de papelão e torcer para que ainda não o tivessem visto. Pegou Totó no colo e se escondeu dentro de uma caixa de geladeira vazia, fechando as abas e deixando apenas uma pequena fresta por onde pudesse espiar os arredores. Totó quis latir, mas ele pôs a mão em seu focinho, abafando o latido.

Afonso se encolheu feito um tatu na toca e ficou observando pela pequena fresta formada pelas abas entreabertas da grande caixa. Lá fora o imenso clarão ia se intensificando e ele concluiu que o estranho objeto deveria estar chegando perto. Porém não se ouvia fazer nenhum som, fosse de motores ou algo parecido. Era bizarramente silencioso. Mas em um determinado momento a luminosidade era tanta que Afonso já não conseguia distinguir mais nada, nem olhar em sua direção. Fechou os olhos e assim mesmo o clarão ainda pareci intenso. Teve que pôr as mãos no rosto a fim de não sofrer algum dano ocular mais sério. Totó colocou o rabo entre as pernas e se enfiou no fundo da caixa. Por longos e angustiantes instantes, até o ar parecia estar contaminado por aquela luz. Um cheiro que não parecia deste mundo inundou todo o cenário. Afonso nunca sentira nada parecido em sua vida. Sem querer chegou a tossir, mas logo abafou a tosse para evitar qualquer barulho.

Pouco depois, percebeu que a luminosidade havia diminuído e então baixou as mãos e lentamente abriu os olhos. A pequena esfera estava pousada a poucos metros à sua frente, e seu brilho havia decrescido a um ponto suportável pela vista humana. Ela agora já não era tão pequena, sendo que sua dimensão fora grande o bastante para obstruir totalmente a única saída existente no beco. Afonso estava preso ali.

Apavorado com tudo aquilo, disse em voz baixa:

– Tudo vai ficar bem, tudo vai ficar bem. Eu vou ficar aqui bem quietinho e nada vai me acontecer. Eles não vão ver ninguém e irão embora. É isso, eles irão embora.

Mais alguns longos instantes de apreensão se passaram e nada aconteceu. A esfera continuava lá no mesmo lugar onde havia pousado. Imóvel e tão quieta e silenciosa quanto as paredes dos prédios ao seu redor. O nervosismo de Afonso diminuiu aos poucos e ele ousou dar mais uma olhada pela fresta da caixa de papelão. Nada. Olhou bem para a esfera e agora pode perceber bem como ela era. Várias linhas retas a cortavam de cima a baixo, formando uma face entre cada duas linhas que era plana no largo, porém esférica no comprimento. Ao seu redor um show de luzes continuava a circular à sua volta, como as sirenes de um carro policial. Seus polos eram levemente achatados, lembrando uma forma exagerada da esfera terrestre.

Estava tudo quieto, mas a sua mente ainda continuava investigando as possibilidades. Repleta de pensamentos assustadores, imaginava os mais insanos cenários. Balbuciou de forma quase inaudível o que lhe passara pela cabeça. Será que há alguém lá dentro? Que coisa mais estranha era aquela? Seria algum novo experimento secreto dos militares? Eles nunca contavam tudo mesmo, certo? Era sempre assim. Escondiam tudo o que havia de mais moderno e só revelavam muito tempo depois. Ou poderia ser um novo tipo de satélite, ou uma sonda espacial, sei lá. Afonso tentou imaginar todas as possibilidades possíveis.

Então algo inusitado ocorre. Numa das linhas, que de onde Afonso estava parecia dividir a esfera em metades, um estalo lembrando o abrir de trancas dá início a separação dos dois lados, formando uma abertura que, bem vagarosamente, vai se dilatando para os lados, crescendo e revelando o interior do estranho objeto, ao mesmo que estranhos gases são expelidos para fora. Dentro da caixa de geladeira, Afonso agora estava apreensivo, mas mesmo com todo o medo ainda continuava espiando pela fresta. Sua face revelava um misto de curiosidade e apreensão, medo e ao mesmo tempo fascínio. O que poderia haver dentro da esfera? Seriam... astronautas? ETs? Aquele último pensamento lhe estremeceu todo o corpo.

Olhou para a porta da esfera que continuava a se abrir para saber o que tinha em seu interior, mas a estranha e espessa névoa de gases crescia à medida que a abertura crescia. De tão densa que era chegou a recobrir praticamente toda a esfera, e Afonso já não conseguira visualizar mais nada. Um ar de mistério contaminou o ambiente, enquanto um forte estalo, seguido de um silêncio absoluto em meio a névoa sugeria que a porta havia chegado à sua máxima abertura.

Mais alguns instantes se passaram e a névoa começou a diminuir, embora ainda não fosse possível visualizar muito bem a esfera. Alguns ruídos se seguiram e dentro de Afonso uma certeza começou a crescer: havia alguém no interior da esfera. Mais um instante se passou e a névoa revelou uma folha de jornal bem em frente a porta do objeto. Afonso conseguiu reconhecer a página

como sendo a da manchete sobre a existência de seres extraterrestres. Seu pavor aumentou ainda mais, embora continuasse a espiar pela fresta. Então ouviu algo mais aterrador ainda: o som de passos. Um, dois passos, e um terceiro se projetou em direção ao chão, para fora da esfera. Um enorme pé assentou-se diretamente em cima da folha de jornal, seguido no instante seguinte pelo seu par. Estava calçado com uma espécie de botas que pareciam fazer parte do próprio uniforme. Eram azuis, um azul-cobalto, ou algo assim. Pela cor não deveria ser americano, ele pensou.

Pelo formato dos pés, Afonso deduziu que era um homem. Apesar do tamanho um tanto grande, os pés eram os de um homem. Muitos atletas possuíam pés desconumais, e as próprias botas poderiam estar criando a impressão de que eram maiores do que o normal. Com certeza deveriam ter uma grossa camada de espuma de proteção e por isso pareciam serem tão imensos. A névoa de gases continuou a se dissipar, embora ainda cobrisse boa parte daquele homem estranho. Como deveriam ser mais leves que o ar, começaram a subir para o alto, revelando aos poucos o corpo do astronauta. Ele era alto, muito alto. Tinha longas pernas e trajava um uniforme sofisticado, bem colado ao corpo, repleto de dispositivos e mangueiras que percorriam suas extremidades. Sua cintura revelou um grosso cinto que parecia conter muitos acessórios, como os utilizados por carpinteiros. Dos lados dava pra ver duas grandes mãos abertas ao final de longos braços mostravam claramente que se tratava de um homem normal. Não estava armado e isso foi um alívio para Afonso. Não notou nenhum armamento, então não deveria ser perigoso. Todo o uniforme era azul, e era tão bem montado que parecia fazer parte do corpo do homem.

Já dava pra ver o formato de sua cabeça e notar que não estava usando capacete. À medida que os últimos resquícios da névoa iam se dissipando, sempre em movimento ascendente, os detalhes do astronauta iam ficando mais e mais nítidos. Sabia que era um astronauta, pois em seu peito se encontrava um volumoso dispositivo que se projetava cerca de uns dez centímetros pra frente, e dele partiam duas mangueiras, provavelmente constituindo o sistema de respiração. Mais detalhes foram se revelando. Ambas as mangueiras terminavam no pescoço do homem. Sua face era estranha e por um instante Afonso pensou ser uma espécie de máscara, mas logo percebeu que se tratava de seu próprio rosto, nu, tão azul quanto o uniforme que vestia. O homem parecia ter deformações no rosto, mas eram perfeitas demais. Elevações na pele contornavam os imensos olhos negros e se projetavam em direção ao topo de sua cabeça, se tripartindo em tiras que formavam um V com um I central em sua testa. Se parecia com um homem, mas não era um homem. *E aqueles olhos, aqueles estranhos olhos.* A névoa se dissipou e Afonso pode vê-lo em detalhes. As duas mangueiras enfiadas em seu pescoço, e aqueles olhos grandes e negros, sem íris ou pupilas, voltados diretamente para ele, não deixavam dúvida: aquilo não era um homem. Afonso então

gaguejou:

– Deus!

Nesse momento, inúmeros pensamentos assombraram a mente de Afonso. Aquilo era uma criatura de outro mundo, pensou Afonso. Lembrou-se da notícia no jornal. ETs. Sim, só podia ser um ET. O pavor lhe tomou conta e ele se encolheu para o fundo da caixa, quase esmagando Totó sem querer, temendo, pois, o pior. Mais alguns instantes se passaram e nada. Nenhum ruído. Deduziu que o macabro ser deveria continuar ali, parado no mesmo lugar. De repente, uma estranha voz ecoa na cabeça de Afonso, fazendo-o quase pular da caixa de susto:

– Afonso. AFONSO. Não tema Afonso. Não vou lhe machucar. Sou seu amigo.

Afonso só não saiu correndo pra fora porque aí teria que encarar o alienígena. E como a esfera estava parada bem em frente ao corredor, não haveria para onde ele correr. O mais estranho naquela voz é que ela parecia estar dentro da sua cabeça. Não era audível, e sentia que poderia ouvi-la mesmo com os ouvidos tapados. Novamente a voz penetrou em sua cabeça. Desta vez, de uma forma bem mais forte e profunda. Um longo diálogo fora travado em questão de segundos. Imagens do passado de Afonso brotaram em sua mente, e sentiu como se estivesse num sonho muito louco. Imagens da sua infância, dele brincando, na escola com os colegas, seu primeiro amor, seu primeiro beijo, o casamento, seus anos dando aulas como professor de biologia, o seu vício com o álcool, a separação, a perda do emprego, da casa, e por fim o beco. Tudo isso mesclado à estranhas e bizarras lembranças de um mundo que não era o seu. Um mundo alienígena, lar de uma civilização altamente avançada, dotada de conhecimentos que iam muito além da capacidade humana. E seus conhecimentos pareciam se mesclar com o do alienígena, numa avalanche caleidoscópica de sensações e imagens, realidades e verdades. Pela primeira vez na vida, tudo parecia claro para Afonso. Os mistérios do universo e o próprio sentido da vida haviam lhe sido revelados. Sentiu sua dor desaparecer, seus sentimentos de culpa, suas aflições, tristezas e decepções haviam sumido. Uma indescritível sensação de liberdade preencheu todo o seu ser. Nunca antes ele tinha sentido algo parecido. Talvez nenhum humano tenha. Afonso sentia-se flutuando numa mar de sensações, e tudo foi de repente girando e se tornando confuso ao ponto dele não ver ou sentir mais nada.

### **CENA 3**

### **EXT. PARTE FINAL DE UM BECO QUALQUER DA PERIFERIA DE UMA GRANDE CIDADE – MANHÃ DO DIA SEGUINTE**

Afonso acordou se sentindo muito atordoado, como se tivesse tomado o maior porre de sua vida. Sua cabeça latejava e ele levou alguns minutos pra se recuperar. Saiu de croque de dentro da grande caixa de papelão e se pôs de pé. Totó também saiu e deu uma latida como que querendo enxotar algum intruso. Afonso olhou à volta e percebeu que a esfera já não se encontrava mais ali, nem deixara nenhum vestígio da sua presença. Ele pôs a mão na cabeça, ainda se sentindo meio desorientado. Ajuntou o seu chapéu, ajeitou-o na cabeça, e começou a caminhar pelo beco em direção à luz da movimentada avenida. Totó o acompanhou e os dois desapareceram ao longe.

#### **CENA 4**

#### **INT. SALA DO DR. AFONSO, EM UMA GRANDE UNIVERSIDADE – MANHÃ**

Um ano já tinha se passado desde o relato nos jornais de uma estranha esfera de luz que havia pousado em um beco abandonado da grande cidade. Todos acharam se tratar de algum projeto experimental do governo. É o que dizia o velho jornal o qual Afonso guardava com carinho em uma moldura que servia de adorno na parede da sua sala. *Aquele dia realmente havia mudado definitivamente sua vida.* Nisso entra Cláudia, uma simpática e amável professora por quem se apaixonou há seis meses atrás. Tinha estatura um pouco mais baixa que a de Afonso, usava grandes brincos de argola e a cor negra de sua pele contrastava com o vermelho intenso de sua blusa e a saia branca até os joelhos. Ela se dirigiu até Afonso e antes de dar-lhe um beijo disse:

– Bom dia querido! Como vão os preparativos para a palestra?

Afonso a beija e responde:

– Tudo em ordem querida. Depois que eu expor nesse congresso científico essa minha nova teoria, com certeza tudo o que sabemos sobre a evolução na vida na Terra mudará em pouco. Não havia melhor tema para eu trabalhar em meu doutorado.

– Oh querido, estou tão orgulhosa por você. É um homem tão maravilhoso, tão inteligente. Sabe, nunca vi coisa igual. Pra ser sincera, você até parece ser *coisa de outro mundo*.

– Obrigado querida, minha fã número “1”. Mas sem você nada disso teria graça para mim, responde Afonso.

– Me engana que eu gosto, retruca Cláudia.

Pela porta entreaberta se intromete Totó, agora todo limpo e perfumado, com uma bela

coleira anti-pulgas no pescoço. Havia engordado e seus ossos cobertos por uma grossa camada de carne e gordura. Ele chaga latindo, e Afonso o suspende nos braços.

– E aí garoto, como é que você tá?

– Vamos amor, deixa o cachorro. Se não você vai se atrasar para a sua apresentação, comenta Cláudia, já acostumada com a intensa amizade entre seu namorado e o cãozinho.

Afonso larga Totó no chão e dá seu braço para Cláudia segurar. O casal enamorado sai da sala, todo feliz, com Totó os acompanhando. A sala fica vazia, e em cima da mesa de Afonso o quadro com a manchete do jornal sobre a esfera brilhante.

FIM!